

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Faculdade de Comunicação e Arte - Jornalismo

Eliene Resende, Fernanda Nalon Sanglard, Isadora Pimenta

ENQUADRAMENTO E JORNALISMO: o estudo de news framing e sua contribuição para a pesquisa em comunicação e saúde

Belo Horizonte

2022

Eliene Resende, Fernanda Nalon Sanglard, Isadora Pimenta

ENQUADRAMENTO E JORNALISMO: o estudo de news framing e sua contribuição para a pesquisa em comunicação e saúde

Projeto de Iniciação Científica apresentado no curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Número do Projeto: FIP.2022/27831-1S

Orientador(a):Fernanda Nalon Sanglard

Orientando(a): Isadora Pimenta

(Natureza do projeto: Projeto de Pesquisa)

Belo Horizonte

2022



ENQUADRAMENTO E JORNALISMO: o estudo do *News framing* e sua contribuição para a pesquisa em comunicação e saúde

Isadora Pimenta¹

Eliene Resende²

Fernanda Nalon Sanglard³

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

Resumo: Este artigo visa apresentar o conceito de enquadramento a partir de revisão de literatura e discutir sua utilização no campo da comunicação e, mais especificamente, nos estudos do jornalismo. O artigo parte das perspectivas propostas por Tuchman (1978), Entman (1993), Iyengar (1991) e Maesele *et al.* (2015), entre outros. É ainda objetivo desta proposta apresentar como o conceito vem sendo trabalhado em pesquisas de comunicação e saúde, tomando como exemplo uma pesquisa específica “Diagnóstico de Comunicação e Saúde: análise de circulação de informações públicas sobre a Covid-19 em mídias sociais”. O foco é apontar como a compreensão da lógica do enquadramento pode auxiliar na percepção de quadros dominantes produzidos pelo jornalismo e, conseqüentemente, pela opinião pública, assim como possibilitar caminhos para subvertê-los.

Palavras-chave: Jornalismo; Enquadramento; Covid-19; Comunicação e Saúde; *News Framing*

1. Introdução

¹ Estudante de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). E-mail: isapimenta2003@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PPGcom PUC Minas). E-mail: elieneresende.31@gmail.com

³ Mestre e doutora em comunicação, professora do PPGcom PUC Minas e orientadora do artigo. E-mail: fernandasanglard@pucminas.br

O estudo dos enquadramentos nas ciências sociais começou a ganhar proeminência no ocidente na década de 1970, a partir dos trabalhos do sociólogo Erving Goffman (1974), e mantém-se forte até os dias atuais. Goffman definiu o enquadramento como “princípios de organização que dirigem ou orientam os eventos sociais e nosso envolvimento com eles” (SANGLARD e SILVA., 2020, p.348). A partir de seu trabalho, outros pesquisadores se destacaram no meio, sendo o enquadramento pautado em diversas áreas de estudo, dentre elas o jornalismo. Na pesquisa envolvendo enquadramentos noticiosos ou “*News framing*”, destacam-se os trabalhos de Gitlin (1980), Entman (1993) e Iyengar (1991).

Os trabalhos de Gitlin e Entman influenciaram pesquisas de enquadramento de mídia em diversas perspectivas, pois permitiram ir além da linha até então desenvolvida pela teoria do *gatekeeper* (WHITE, 1993 [1950]). O entendimento de que os jornalistas não apenas selecionam e hierarquizam os fatos, como também ajudam a construí-los e a enquadrá-los foi crucial para o desenvolvimento de uma perspectiva construcionista dos estudos comunicacionais (Traquina, 1993, 2005; Sanglard, 2017).

Além da seleção dos temas, a forma como eles são enquadrados pela mídia também se torna objeto de análise. O estudo dos enquadramentos noticiosos (*news framing*) se debruça sobre as estratégias utilizadas para organizar e enfatizar informações em um texto jornalístico (SANGLARD e SILVA., 2020, p.348). O enquadramento determina os parâmetros “a partir dos quais os cidadãos discutem eventos públicos” (TUCHMAN, 1978, p. 4, tradução nossa) e as notícias seriam janelas para o mundo. A metáfora da janela nos ajuda a pensar a existência de diferentes formas de enquadrar, sendo a visão da janela alterada pelo tamanho, a visibilidade do vidro, mas também o ângulo de que olha através dela (SANGLARD e SILVA, 2020).

Segundo Entman (1993), o enquadramento noticioso está presente em quatro ambiências: no comunicador, no texto, no receptor e na cultura. Cada um desses lugares tem seu papel na interpretação de determinado conteúdo. O comunicador escolhe enquadramentos que condizem com as crenças dele, e o texto contém determinados quadros manifestados na presença ou não de determinado elemento, como palavras-chave, imagens, fontes ouvidas, etc. Já o receptor, pode seguir o caminho guiado pelo texto e pelo comunicador, ou interpretar o texto de acordo com o

enquadramento que ele mesmo considera correto. Por fim, o quarto lugar, da cultura, representa os enquadramentos dominantes dentro de um grupo social.

Nessa lógica, o jornalista como comunicador também é persuadido pelos *frames* culturais e pode, seja de modo intencional, seja de forma estrutural e irrefletido, enfatizar um determinado quadro, por causa do contexto no qual se encontra. De acordo com Entman (1993), o conhecimento sobre o enquadramento poderia emancipar o jornalismo desta imposição dos quadros dominantes e impedir que estes manipulem a produção midiática.

Neste trabalho, buscamos mostrar como a análise da produção jornalística a partir das teorias do enquadramento possibilita uma compreensão mais abrangente das razões por trás da predominância de determinados *frames* e seus impactos sob a opinião pública. Queremos mostrar como o estudo de *news framing* auxilia na compreensão dos quadros dominantes e, conseqüentemente, na elaboração de estratégias para tornar o jornalismo mais inclusivo, dando espaço para *frames* mais diversos.

Para isso, trabalhamos com a revisão literária de pesquisadores da área de enquadramento, mais especificamente de *news framing*. Principalmente na pesquisa feita pelo sociólogo Robert Entman (1993), as categorias de análise de Pieter Maesele *et al.* (2015), a enquete produzida por Kahneman e Tversky (1984) e a divergência entre os *frames* episódico e temático de Iyengar (1991). Este artigo é proveniente da pesquisa que está em andamento sobre o “Diagnóstico de Comunicação e Saúde: análise de circulação de informações públicas sobre a Covid-19 em mídias sociais”, que analisa o debate público sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil a partir de materiais noticiosos compartilhados na plataforma *Twitter* e coletados a partir das URLs (links) que mais circularam no primeiro ano da pandemia (2020) nessa rede social.

Este artigo está assim organizado: na próxima seção (2) refletiremos sobre como os quadros podem influenciar a apuração jornalística, conseqüentemente impactando no texto e na leitura do público; a seção (3) analisa a predominância do *frame* episódico no jornalismo e seu impacto na construção da opinião pública; por fim, na (4) relatamos a experiência do uso dessa perspectiva teórica em uma pesquisa de comunicação e saúde, antes de apresentarmos as considerações finais (5).

2. Enquadramento e produção jornalística

Assim como o jornalismo tem o poder de impactar a opinião pública por meio do enquadramento, os jornalistas também são influenciados pelos *frames* dominantes ao produzir conteúdo noticioso. Ao formular o discurso, o comunicador faz escolhas conscientes ou não baseando-se no que Entman (1993) chama de *schemata* - conjunto dos *frames* mais comuns dentro de um determinado grupo social - que organiza as crenças pessoais de cada um. Sendo assim, o texto produzido pelo jornalista carregará os *frames* que mais condizem com seus ideais e a leitura do receptor pode ou não refletir a intenção de enquadramento do comunicador.

Diferentes *schematas* surgiram e se consolidaram na sociedade, persuadindo tanto a opinião pública, quanto às instituições governamentais e a imprensa. No âmbito da saúde, por exemplo, a construção do senso comum sobre a prevenção de doenças ser responsabilidade de cada indivíduo data de 1920, quando tornou-se possível identificar um agente transmissor para cada doença (Araújo e Cardoso, 2007). A possibilidade de estabelecer técnicas de controle da transmissão causou um deslocamento do foco de políticas públicas do meio ambiente para o indivíduo. A centralização da responsabilidade por controle patológico na sociedade civil, abriu caminho para o discurso de despolitização de questões da saúde, que culminou na situação vivenciada pela população brasileira durante a pandemia da Covid-19.

Azevedo e Vimieiro (2021) apontam como essa transferência de responsabilidade do estado para a população desvincula as instituições governamentais das ações de proteção da sociedade, consequentemente liberando o estado da obrigação de pôr em prática políticas públicas que exerçam essa função. No caso da pandemia do coronavírus, a popularização de um enquadramento individual/comportamental, conforme ressalta Maesele *et al.* (2015), tanto por parte do governo vingente quanto por parte da mídia, resultou em um processo de culpabilização dos sujeitos que pode reforçar a discriminação de grupos marginalizados por não cumprir as medidas de distanciamento e prevenção ou não se vacinar, ignorando os contextos socioeconômicos por trás dessas “escolhas” (COUTO *et al.*, 2021).

Mesmo a leitura do público sendo influenciada por seu próprio *schemata*, a maneira que o jornalista expõe as informações pode mudar a reação das pessoas, inclusive alterando respostas em enquetes e entrevistas. Kahneman e Tversky (1984) mostram esse fenômeno em uma enquete na qual eles expuseram dois cenários

diferentes aos participantes de uma pesquisa. Em um primeiro momento eles perguntaram:

Imagine que os EUA estão se preparando para o surto de uma doença asiática incomum, que estima-se que matará 600 pessoas. Duas alternativas de programas para combater essa doença foram propostas. Presuma que as previsões científicas exatas das consequências dos programas são as seguintes: Se o programa A for adotado, 200 pessoas serão salvas. Se o programa B for adotado, existe uma probabilidade de um em três de que 600 pessoas serão salvas e uma probabilidade de dois para três que ninguém seja salvo. Qual destes dois programas você apoiaria? (KAHNEMAN e TVERSKY, 1984, p. 343, tradução nossa).

Quando apresentados a este questionamento, 72% das pessoas optaram pelo programa A e 28% pelo programa B. Em um segundo questionamento, opções idênticas de programas de tratamento foram propostas, porém enquadradas de outra maneira, ressaltando as prováveis mortes ao invés das vidas que seriam salvas. “Se o Programa C for adotado, 400 pessoas morrerão. Se o Programa D for adotado, existe uma probabilidade de um para três que ninguém morrerá e uma probabilidade de dois para três que 600 pessoas morrerão” (KAHNEMAN e TVERSKY, 1984, p. 343, tradução nossa). Já com este enquadramento, apenas 22% dos entrevistados optaram pelo programa C, mesmo ele sendo igual ao programa A, que foi selecionado por 72% no primeiro momento.

O trabalho de Kahneman e Tversky mostra como uma mudança simples de enquadramento nos fatores enfatizados pode alterar a forma que as pessoas entendem um problema e, logo, como elas agem em relação a ele, independentemente de qual *schemata* elas partem. No campo do jornalismo, a consciência desta realidade ressalta a importância dos estudos de enquadramento jornalístico para compreender os quadros usados para apurar informações e dados, mas também para criar atalhos cognitivos a partir das narrativas.

A falta de compreensão por parte dos jornalistas sobre os impactos do enquadramento pode levar ao favorecimento de certos quadros (Entman, 1993). Como destaca Sanglard (2017), referindo-se a uma afirmação de Gitlin, enquadramentos são feitos com recorrência na prática jornalística, a questão central talvez esteja na recorrência com que alguns quadros são repetidamente produzidos. Seja devido a uma apuração rasa ou ao descaso com o método por trás dos dados utilizados para a

construção da argumentação, seja em decorrência das rotinas produtivas, alguns quadros costumam ser privilegiados pelos jornalistas (Sanglard, 2017).

A influência da formulação das perguntas em sondagens, apontada por Kahneman e Tversky, já foi comprovada em situações envolvendo problemas políticos reais. Saris (1997) provou que a opinião da população europeia sobre questões relacionadas à União Europeia pode ir em diversos caminhos, dependendo de como as perguntas dos inquiridos são enquadradas. Essa variação na opinião pública em razão do enquadramento da coleta de dados pode levar à aplicação de políticas públicas que favoreçam determinados grupos.

O estudo da análise dos *frames* midiáticos durante outros períodos de tensão política e social contribui para uma percepção da ação da mídia face aos acontecimentos atuais e, portanto, dos padrões ainda predominantes na produção jornalística que moldam a opinião pública. O enquadramento de conflito, por exemplo, caracterizado pela ênfase no conflito entre indivíduos, grupos ou instituições como forma de atrair o interesse do público, foi identificado em diferentes pesquisas como um dos *frames* mais populares nas notícias (Neuman, 1992; Semetko, 2000). A ênfase na rivalidade proporcionada por esse *frame* foi criticada por induzir desconfiança em figuras e líderes políticos (Cappella & Jamieson, 1997). As pesquisas que empregam *news framing* em contextos políticos e sociais anteriores também auxiliaram a compreensão de como a falta de consciência da comunidade jornalística sobre os impactos desses *frames* resultou na perpetuação desses modelos no decorrer do tempo e por diversas produções midiáticas.

3. ***News framing* e o enquadramento episódico**

Dentre as abordagens pensadas para a análise do *news framing*, o modelo idealizado por Iyengar (1991), que divide o conteúdo noticioso em episódico e temático, é usado com recorrência. O enquadramento episódico se materializa em notícias centralizadas em acontecimentos específicos ou estudos de caso, apontando problemas públicos por meio de exemplos concretos.

Conforme Sanglard (2017), esse tipo de enquadramento favorece a cobertura de acontecimentos, fatos e agenda de atividades programadas pelo governo e por outras instituições do Estado ou da sociedade civil. Trata-se de notas, notícias e artigos que não

se aprofundam em temáticas específicas, costumam ser descritivas e abordam os temas expostos de forma superficial ou centrada apenas nos marcos celebratórios e nos registros de eventos e manifestações.

Do outro lado, o enquadramento temático coloca os problemas públicos de maneira mais geral, abordando conceitos de forma mais abrangente e os impactos dele na sociedade como um todo (Iyengar, 1991). Segundo Sanglard (2017), esse enquadramento privilegia o tratamento aprofundado dos assuntos, evidenciando aquilo que é essencial para a compreensão do fato, como, por exemplo, um problema, suas causas, consequências e possíveis desdobramentos. Assim, envolve majoritariamente notícias mais amplas, reportagens e artigos de maior densidade, que se voltam para temáticas relevantes, com contextualização e estímulo à reflexão e a questionamentos em relação aos temas expostos.

Na era digital, iniciada na virada do século com a popularização da internet, a nova lógica de produção consolidada pelo turbocapitalismo mudou o formato da produção jornalística, redirecionando o foco da originalidade para a velocidade (Sodré, 2002). Na lógica da comunicação de massa, existia uma tendência em trazer um conteúdo mais completo e original, porém, com o surgimento da internet e o fim da comunicação unilateral entre mídia e leitor, o jornalismo tornou-se uma corrida, onde o mais importante é ser o primeiro a publicar e não o que está sendo publicado.

Trabalhando sob o prisma da velocidade, a superficialidade se intensifica, expondo o caráter fragmentado da notícia. No espaço-tempo da “notícia cabe muito pouco do real”, excluindo-se o contexto maior no qual ela está inserida (SALOMÃO, 2022). Portanto, fortalece-se a predominância do conteúdo episódico (superficial), que já era maioria no jornalismo televisivo anteriormente (Porto, 2001; Iyengar, 1991), visto que a produção de conteúdo temático requer uma pesquisa mais profunda e análise interpretativa, processos que levam mais tempo para serem feitos (Iyengar, 1991).

Porém, Iyengar (1991) aponta que o enquadramento episódico tende a salientar atribuições de responsabilidade individualistas em vez de sociais, enquanto o enquadramento temático tem o efeito oposto. Sendo assim, como o *frame* episódico é predominante, os meios de comunicação tendem a induzir a responsabilização de indivíduos no lugar de instituições e problemas sociais recorrentes. Esse fenômeno pode ser analisado também a partir do trabalho de Semetko (2000) que apontou como, na televisão holandesa, 92% das notícias continham o enquadramento episódico e, em 3

dos 4 noticiários analisados, mais de 50% do conteúdo total foi classificado dentro da categoria de atribuição de responsabilidades (Iyengar, 1991). Essa realidade mostra como a escolha do jornalismo de priorizar o enquadramento episódico distancia os problemas sociais de suas causas originárias e culpabiliza sujeitos por problemas institucionais.

A problemática analisada por Iyengar e Semetko quanto ao jornalismo televisivo na virada do século é refletida em situações vividas pela sociedade brasileira durante a pandemia da Covid-19. O crescimento do enquadramento individual/comportamental e do apoio a despolitização de problemas públicos (Maesele, 2015) é evidenciado no caso da influencer Gabriela Pugliesi. Em março de 2020, a polêmica sobre uma festa particular, na qual convidados positivados para o coronavírus teriam supostamente dado início ao contágio pela doença no estado da Bahia, resultou em um processo legal de responsabilização dos envolvidos por colocarem em risco a integridade física das pessoas com as quais eles tiveram contato (Bisneto e Simão, 2020). A mobilização das instituições executivas brasileiras em prol da responsabilização civil pela transmissão de uma doença comprova a predominância da atribuição de responsabilidade individual, fortalecendo a despolitização de questões da saúde e consequentemente apagando a obrigação social pela implementação de políticas públicas para a proteção da sociedade civil.

A análise da conduta jornalística quanto à cobertura dos eventos relacionados à pandemia da Covid-19 é objeto de estudo da pesquisa de Comunicação e Saúde. Na próxima seção exemplificaremos como pode ser conduzida essa análise a partir da pesquisa “Diagnóstico de Comunicação e Saúde: análise de circulação de informações públicas sobre a Covid-19 em mídias sociais”.

4. Diagnóstico de comunicação e saúde a partir das URLs sobre a Covid-19

Como citado anteriormente, este artigo tem como proposta apresentar como o conceito de enquadramento que vem sendo trabalhado em pesquisas de Comunicação e Saúde, tomando como exemplo a pesquisa “Diagnóstico de Comunicação e Saúde: análise de circulação de informações públicas sobre a Covid-19 em mídias sociais”. Na referida pesquisa são abordadas as perspectivas de enquadramento propostas por

Iyengar (1991); Entman (1993); Semetko & Valkenburg (2000); e Matthes & Kohring (2008).

Em relação à perspectiva de Entman (1993), foram usados na pesquisa os seguintes enquadramentos: diagnóstico das causas; sugestões de soluções e julgamentos morais. Estas perspectivas foram atreladas à metodologia proposta por Matthes & Kohring (2008), que destacam:

[...] nós entendemos um enquadramento como um certo padrão em um dado texto que é composto por diversos elementos. Esses elementos não são palavras, mas componentes ou dispositivos dos enquadramentos previamente definidos. Ao invés de codificar diretamente o enquadramento como um todo, nós sugerimos partir o enquadramento em seus elementos isolados, os quais podem ser mais facilmente codificados em uma análise de conteúdo. Depois disso, uma análise dos agrupamentos desses elementos deve revelar os enquadramentos. Isso significa que quando alguns elementos agrupam-se sistematicamente de uma forma específica, eles formam um padrão que pode ser identificado através de diversos textos em uma amostra. Nós chamamos esses padrões de enquadramentos (MATTHES & KOHRING, 2008, p. 263, tradução nossa).

Portanto, com base no que destacam os pesquisadores, no enquadramento diagnóstico das causas é possível apontar as forças que estão provocando o problema, como, por exemplo:

- **Naturais:** no sentido de naturalização / o vírus é incontrolável / a culpa não é de ninguém, pois todos um dia vão morrer;
- **Individuais:** a culpa é das pessoas / vulnerabilidade de algumas pessoas como idosos e pessoas com comorbidades;
- **Comportamentais:** as pessoas que não obedecem e se aglomeram; gente que incentiva o não isolamento;
- **Epidemiológica/saúde:** questões de saúde pública, pandemia altamente contagiosa, doenças, modo como vírus afeta as pessoas, se espalha, etc;
- **Farmacológica:** a vacina demora para ser testada e produzida; cloroquina pode criar falsa ilusão;
- **Econômicas:** o problema é o desemprego e a economia; o problema é o isolamento e o fechamento;
- **Governamental:** inação ou afrouxamento das regras de isolamento; falta de transparência;
- **Criminal:** desvio de recursos; corrupção; compra de equipamentos acima do preço de mercado;

- **Político:** “politização” da vacina;
- **Ético:** passar a boiada;
- **Midiáticas:** mídia que mente e manipula, coloca medo na população;
- **Ideológica:** o problema são os jornalistas esquerdistas que pioram a situação real, o problema é a adesão das pessoas aos ideais do presidente

No enquadramento de sugestões de soluções, consideram-se as soluções indicadas ao problema, em nas análises, aparecem poucas soluções sendo sugeridas para problemas (para qualquer assunto). Mas as soluções também dialogam com a natureza do problema.

- **Naturais:** no sentido de naturalização / imunidade de rebanho natural/ milagre;
- **Epidemiológica:** questões de saúde pública;
- **Epidemiológica/saúde:** questões de saúde pública, pandemia altamente contagiosa, doenças, modo como vírus afeta as pessoas, se espalha, etc;
- **Farmacológica:** vacina; cloroquina; pode criar falsa ilusão de;
- **Econômicas:** auxílio emergencial; auxílio às empresas; reabertura das atividades econômicas; não adotar medidas de isolamento;
- **Individuais:** isolamento horizontal;
- **Comportamental:** as pessoas precisam ficar em casa;
- **Governmental:** restrição das atividades; fim da quarentena;
- **Planejamento orçamentário/financeiro:** liberação de recursos para a saúde;
- **Criminal:** punir quem desobedece; ação das polícias e agentes fiscalizadores;
- **Jurídica:** obrigar a divulgar dados; ação do STF e outras esferas do Judiciário;

No enquadramento de julgamentos morais, são consideradas as avaliações de cunho moral, por exemplo, afirmações (mesmo que na boca da fonte de informação) de que alguém é corrupto, ineficiente, mal-intencionado, etc.

Os enquadramentos episódico e temático da perspectiva de Iyengar (1991) também são abordados na pesquisa em questão, conforme já explicitados anteriormente neste artigo. Já os enquadramentos propostos por Semetko & Valkenburg (2000), referentes a conflito, interesse humano, consequências econômicas, moralidade e responsabilidade, também são abordados. O enquadramento de conflito, como o próprio nome indica, é o que enfatiza o conflito entre indivíduos, grupos, ou instituições como

meio de captar o interesse do público. O de interesse humano foi considerado a partir do esforço para aproximar as notícias dos sujeitos, por meio da valorização dos relatos dos personagens, da dramatização ou emoção, a fim de captar e reter interesse do público.

O enquadramento de consequências econômicas é codificado como o que relata um evento, problema ou questão em termos das consequências que terá economicamente para um indivíduo, grupo, instituição, região ou país. Em relação ao enquadramento de moralidade, leva em consideração o que classifica o evento, problema ou questão em um contexto de princípios religiosos ou prescrições morais. E o enquadramento de responsabilidade foi entendido como o que apresenta um problema ou questão de tal forma a atribuir a responsabilidade por sua causa ou solução ao governo, a um indivíduo ou a um grupo.

A pesquisa em questão analisa os enquadramentos referidos acima no conjunto de produções de cunho noticioso a partir da coleta das URLs sobre a covid-19 mais compartilhadas no Twitter em 2020, o primeiro ano da pandemia. A partir dessa análise, ainda em andamento, será possível visualizar como a imprensa brasileira tratou os eventos ligados à pandemia da Covid-19 e, assim, entender que tipos de enquadramento foram privilegiados e se houve alguma dominância no conteúdo analisado.

5. **Considerações finais**

A partir das pesquisas realizadas na área de *news framing* é possível ressaltar como o enquadramento impacta em todas as etapas da produção jornalística. Desde a apuração e a construção do texto até a forma que o público interpreta e reage ao conteúdo, o enquadramento evidencia os quadros dominantes que interferem no *schemata* da sociedade. Na área de Comunicação e Saúde, a pesquisa dos enquadramentos pautados durante a pandemia da Covid-19 ajuda a compreender as concepções consolidadas sobre o ocorrido que se espalham entre a população brasileira.

Sem o estudo do enquadramento por parte da comunidade jornalística, o conteúdo noticioso continuará a propagar as problemáticas levantadas, mesmo que inconscientemente, reforçando estruturas sociais que contribuem para a despolitização dos problemas públicos. Em conjunto, os trabalhos sobre enquadramento analisados (Gitlin, 1980; Entman, 1993; Iyengar, 1991; Kahneman e Tversky, 1984; Neuman, 1992; Saris; 1997; Cappella & Jamieson, 1997; Semetko, 2000; Porto, 2001; Maesele,

2015; Sanglard et al., 2020; Azevedo *et al.*, 2021) evidenciam como o jornalismo contemporâneo contribui na desvinculação de problemas sociais das instituições governamentais, redirecionando a responsabilidade de regulação da sociedade para a população civil.

O modelo de jornalismo atual, por meio do enquadramento episódico e individualista, fortalece, mesmo que inconsciente, o *frame* dominante do neoliberalismo. A culpabilização do indivíduo corrobora com a migração de questões públicas para o âmbito privado, livrando o Estado de pôr em prática políticas de cunho social (Cesarino, 2019).

A compreensão do enquadramento atrela-se, portanto, ao dever social do jornalismo, sendo esse necessário para o exercício da profissão em sua plenitude, libertando o produto jornalístico da manipulação dos enquadramentos dominantes, quaisquer que sejam eles. Assim, o jornalismo aumenta o raio de visões apresentadas e cultiva a pluralidade de opiniões necessária para a manutenção da democracia.

Referências

ARAÚJO, I.S; CARDOSO, J.M. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

AZEVEDO, A.S; VIMIEIRO, A.C. A Política Despolitizante de Bolsonaro: uma análise da posição pública do governo na cobertura jornalística sobre a liberação de agrotóxicos. In: **9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política**, remoto, 2021.

BISNETO, C.D, SIMÃO, J.F. Responsabilidade civil nos casos de transmissão coletiva do coronavírus. In: **Revista Consultor Jurídico**, 2020.

CAPELLA, J; JAMIESON, K. **Spiral of cynicism**. New York: Oxford University Press, 1997.

CESARINO, L. Identidade e representação no bolsonarismo. In: **Revista Antropológica**, v. 62, n.3, p. 530 - 557, 2019.

COUTO, M.T, BARBIERI, C.L.A, MATOS, C.C.S.A. Considerações sobre o impacto da covid-19 na relação indivíduo-sociedade: da hesitação vacinal ao clamor por uma vacina. In: **Saúde Soc.** São Paulo, v. 30, n. 1, 2021.

ENTMAN, R.M. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. In: **Journal of Communication**, 43, p. 51, 1993.

GITLIN, T. **The whole world is watching**: mass media in the making and unmaking of the new left. Berkeley: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Editora Vozes, 2012 [1974].

FLINDERS, Matthew; BULLER, Jim. Depoliticisation: Principles, tactics and tools. **British politics**, v. 1, n. 3, p. 293-318, 2006.

KAHNEMAN, D; TVERSKY, A. Choice, values, and frames. In: **American Psychologist**, 39, p. 341-350, 1984.

IYENGAR, S. **Is anyone responsible?** How television frames political issues. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

MAESELE, Pieter et al. In Flanders Fields: De/politicization and democratic debate on a GM potato field trial controversy in news media. **Environmental Communication**, v. 11, n. 2, p. 166-183, 2017.

NEUMAN, W.R; JUST, M.R; CRIGLER, A.N. **Common knowledge**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

PORTO, M. Framing the 2000 US Presidential Election: The Coverage by the Brazilian Media. In: **51ª Conferência Anual da Associação Internacional de Comunicação (ICA)**, Washington, 2001.

SANGLARD, F.N. **Verdades possíveis**: o jornalismo brasileiro e as narrativas sobre a ditadura durante o funcionamento da Comissão Nacional da Verdade. 2017. 304 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANGLARD, F.N; SILVA, Érica A.B. Framing (Teoria do enquadramento). In: SOUZA, C.A.; ALVIM, F.F.; BARREIROS NETO, J.; DANTAS, H. **Dicionário das Eleições**. Curitiba: Juruá, 2020, p. 348.

SARIS, W.E. The public opinion about the EU can easily be swayed in different directions. In: **International Journal of Political Science**, 32, p. 406-435.

SEMETKO, H.A; VALKENBURG, P.M. Framing European Politics: A Content Analysis of Press and Television News. In: **Journal of Communication**, 50, p. 93 - 109, 2000.

SODRÉ, M. **A Antropológica do Espelho**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

TRAQUINA, N. **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. Vol. I: Porque as notícias são como são. 2ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **Making News**: A Study in the construction of reality. New York: The Free Press, 1978.

TURNER, V. **O Processo Ritual**: Estrutura e Antiestrutura. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

WHITE, D. M. O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINA, N. (Org.) **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, p.142-151, 1993.